

OCUPANDO O PALCO E DESTRUINDO OS MODELOS: FEMINISMO NEGRO E A QUESTÃO DO ENTRETENIMENTO NORTE-AMERICANO¹

Paloma Maria Mendes da Cunha²

RESUMO: O presente artigo tem como função analisar como a criação e propagação de caricaturas e estereótipos norte-americanos a respeito de mulheres negras impactaram nas oportunidades e perspectivas de emprego que essas mulheres poderiam ter ao longo da vida, principalmente no que se refere ao meio do entretenimento. A partir de pensadoras feministas contemporâneas - como Grada Kilomba, Patrícia Hill Collins, Angela Davis, bell hooks, Lélia Gonzalez e outras - poderemos perceber, todavia, como as afro-americanas, a partir da ocupação dos espaços nas mídias e na indústria cultural norte-americana, resistem e ressignificam essas imagens, transmitindo mensagens de empoderamento, fortalecendo redes de apoio negras e engajando cada vez mais pessoas em um movimento feminista negro e na luta antirracista.

PALAVRAS-CHAVE: feminismo negro; cinema; trabalho feminino; racismo; afro-americanas.

OCCUPYING THE STAGE AND DESTROYING THE MODELS: BLACK FEMINISM AND THE ISSUE OF AMERICAN ENTERTAINMENT

ABSTRACT: The purpose of this article is to analyze how the creation and propagation of North American caricatures and stereotypes about black women impacted on the opportunities and job prospects that these women could have throughout their lives, especially with regard to the entertainment field. From contemporary feminist thinkers - such as Grada Kilomba, Patrícia Hill Collins, Angela Davis, bell hooks, Lélia Gonzalez and others - we will be able to perceive, however, how Afro-Americans, from the occupation of spaces in the media and in the North cultural industry -americana, resist and reframe these images, transmitting messages of empowerment, strengthening black support networks and engaging more and more people in a black feminist movement and in the anti-racist struggle.

KEY WORDS: black feminism; cinema; women's work; racism; african american women.

Introdução

A mídia e a cultura visual têm um papel cada vez maior em nossas visões de mundo. Se as imagens possuem tal poder, sermos constantemente expostos ao que David Pilgrim (2018) chama de caricaturas e estereótipos que visam depreciar determinadas etnias e gêneros, influenciará diretamente em nossa forma de agir em relação a essas pessoas, dando aos grupos que as controlam um imenso poder no que se refere à manutenção ou rompimento de hierarquias

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) por meio da Bolsa de Demanda Social.

² Mestranda em História na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, a autora estuda a questão racial norte-americana a partir de uma perspectiva do entretenimento. Bolsista da CAPES pelo projeto Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) desde 2023

raciais e de gênero (DAVIS; TADIAR, 2005). Seria de vital importância para o movimento negro norte-americano se fazer cada vez mais presente nos meios de comunicação, como forma de garantir que narrativas mais inclusivas cheguem para o grande público (HOOKS, 1990). Os afro-americanos, no entanto, têm sido mantidos em um papel marginal na indústria do entretenimento, pois aqueles que controlam o capital que a mantém funcionando defendem o ideal que Michelle Alexander chama de supremacia branca (ALEXANDER, 2020).

Dentro dessa lógica, as poucas pessoas negras que são representadas na cultura de massa são vistas a partir de uma perspectiva de inferioridade e negatividade em relação aos brancos (HOOKS, 1992). Todo esse processo afeta principalmente as mulheres negras no que se refere às suas liberdades individuais, particularidades, autonomia e oportunidades, ao mesmo tempo que que legitimam a violência e a discriminação contra elas, já que essas imagens fazem parte de uma tentativa do sistema racista norte-americano de controlar os corpos dessas mulheres, interferindo diretamente em seus cotidianos e realidades enquanto lhes retira qualquer possibilidade de se sentirem seguras em meio aos brancos - apesar de resistirem como podem ao sistema (COLLINS, 2019).

Logo, podemos depreender que essas imagens preconceituosas podem influenciar diretamente na forma como a sociedade norte-americana enxerga as mulheres negras, limitando suas oportunidades de vida a partir de opiniões racistas (TELES; ADI, 2008). No que se refere ao trabalho dentro da indústria cinematográfica, centro de análise desse artigo, podemos perceber que há uma tendência em representar as afro-americanas a partir de caricaturas e estereótipos que reforçam imagens misóginas e racistas a seu respeito. Essa dinâmica faria com que essas mulheres precisassem se adequar a esses padrões para continuarem trabalhando na indústria cinematográfica e aspirarem uma mínima ascensão dentro dela (HOOKS, 1996). A partir de múltiplas obras que apresentam mulheres negras como predadoras sexuais, naturalmente submissas ou inerentemente violentas (HOOKS, 1990) - principalmente a partir das caricaturas que veremos a seguir - os norte-americanos brancos passaram a naturalizar certas imagens e, em alguns casos, lutando ativamente para que a sociedade permanecesse estruturada dessa forma (TELES; ADI, 2008).

As caricaturas e a naturalização da imagem

No que se refere ao entretenimento norte-americano de grande alcance, o bombardeamento constante de imagens e caricaturas que vinculavam pessoas negras a animais selvagens, malandros oportunistas, preguiçosos em relação ao trabalho, naturalmente feitos

para o serviço doméstico, sexualmente insaciáveis e intrinsecamente obtusos, legitimavam projetos voltados para limitar a retirada de direitos básicos - como o voto - dessas pessoas e garantir a perpetuação da violência e da segregação racial (PILGRIM, 2015). Por mais que tenham sido popularizadas nos shows de comédia no período de transição entre o fim da escravidão e o início da segregação racial, as caricaturas sobre pessoas negras remontam ao passado escravista do século XVII. Em uma tentativa de atrelar o trabalho escravizado à cor, a maioria dos senhores de engenho passaram a disseminar a ideia de que os afro-americanos eram naturalmente violentos, intelectualmente limitados e feitos para o trabalho servil, desumanizando esses indivíduos para legitimar a exploração de sua mão de obra perante a opinião pública. (TISCHAUSER, 2012)

A supremacia racial branca, portanto, se utiliza do entretenimento e das imagens para se perpetuar e legitimar ao longo dos séculos, garantindo que uma mensagem voltada para associar afro-americanos ao perigo e à servidão seja constantemente difundida - de forma mais ou menos explícita. A partir disso, comportamentos racistas são desenvolvidos e perpetuados, com a consciência ou não daqueles que o praticam, enquanto as pessoas negras têm sua autoestima e suas oportunidades de vida minadas por um sistema voltado para colocá-los na base da hierarquia (PILGRIM, 2018). Existem inúmeras caricaturas que foram e seguem sendo utilizadas pela indústria cultural norte-americana, mas daremos prioridade à apresentação daquelas que afetam diretamente o cotidiano e as oportunidades das mulheres negras - como a *Mammy*, a *Jezebel*, a *Troubled Mulatto*, a *Sapphire* e a *Welfare Queen*.

A *Mammy*³ seria uma caricatura voltada para representar uma mulher negra totalmente adaptada ao papel de servidão, já que cuidar de seus patrões brancos com devoção seria o comportamento natural dela. Desenvolvida a partir de estereótipos que ligam mulheres negras à falta de intelecto e a feiura, a *Mammy* seria a epítome da mulher sem sexualidade, para que a harmonia do lar ao qual serve não seja afetada. Deixando de lado o cuidado com seus próprios filhos, a *Mammy* colocaria os interesses de seus senhores e descendentes em primeiro lugar, não desejando a liberdade ou a igualdade racial - e sendo vista como negra ideal por isso. Naturalmente, essa caricatura contribuiu para que as mulheres negras fossem vistas pelos brancos como inerentemente feitas para o trabalho doméstico, dificultando suas tentativas de alcançarem trabalhos melhores e mais bem remunerados ou papéis de maior protagonismo no cinema e na televisão (PILGRIM, 2015).

³ Um de seus exemplos mais famosos seria a *Mammy* interpretada por Hattie McDaniel no filme *E O Vento Levou*, de 1939.

Outra caricatura muito comum no entretenimento seria a *Jezebel*⁴. Representada como uma predadora sexual incansável, ela estaria sempre disposta a seduzir os homens brancos e agir de uma forma considerada despudorada, em contrapartida à castidade conectada às mulheres brancas. Essa caricatura seria um dos exemplos das imagens racistas desenvolvidas durante o período escravista, pois foi muito utilizada para legitimar o constante estupro de escravizadas por seus senhores - que não eram punidos por seus crimes pelo fato da lei considerar essas mulheres como objetos de sua propriedade (PILGRIM, 2015, pp.60-62).

Em um contexto de extrema coerção e medo, muitas escravizadas eram obrigadas a se relacionar sexualmente com seus senhores ou a se prostituírem - tanto para gerarem lucro para terceiros quanto para sobreviverem em um meio hostil -, o que estimulava a disseminação da caricatura. Vale destacar que, mesmo com o fim da escravidão, todavia, a questão do estupro seguiu sendo uma brutal realidade para as mulheres negras, pois suas denúncias contra homens brancos dificilmente eram levadas em consideração. As afro-americanas, portanto, precisavam lutar sozinhas contra os criminosos brancos, que se aproveitavam da impunidade e da opinião pública para estuprá-las sem sofrerem consequências jurídicas (PILGRIM, 2015).

A problemática *Jezebel* segue colocando mulheres negras em risco no mundo contemporâneo, pois o entretenimento de grande alcance continua reforçando a ideia de que elas poderiam ser objetificadas pelos brancos. Em Hollywood, versões mais discretas da personagem ainda são uma regra no que se refere à representação de mulheres negras de pele mais clara, sendo prejudicialmente complementada pela ideia de que as afro-americanas se utilizam da sexualidade para atingirem seus objetivos de forma pouco escrupulosa. Essa dinâmica tanto limita os papéis destinados às mulheres negras quanto dissemina a ideia de que elas estariam sempre sexualmente disponíveis e seriam pouco confiáveis pela sua falta de escrúpulos - abrindo supostos precedentes para assédios no mundo real e as afastando de oportunidades de trabalho consideradas inadequadas para mulheres tão indecentes (PILGRIM, 2015).

A sexualização constante das mulheres negras, contudo, preocupou aqueles que viam a miscigenação como algo perigoso para a manutenção da pureza branca. Em uma tentativa de frear as relações inter-raciais - já proibidas em inúmeros estados do Sul pelas *Jim Crow Laws* (TISCHAUSER, 2012) -, foi desenvolvida a caricatura da *Troubled Mulatto*⁵, uma mulher

⁴ Muito presente em tirinhas e imagens antigas, esse estereótipo segue vinculando mulheres negras ao sexo nos dias de hoje, como podemos ver no nome da novela *Da Cor do Pecado* - transmitida pela Rede Globo brasileira no ano de 2004.

⁵ A personagem Lydia, de *O Nascimento de uma Nação* (1915), seria um exemplo de uso dessa caricatura para demonstrar como mulheres fruto da relação entre brancos e negros poderiam ser pessoas "problemáticas".

negra de pele clara que tentaria se passar por branca para conquistar mais prestígio social, mas que seria constantemente perturbada por nunca saber sua real etnia. Para os defensores dessa caricatura, a mistura do sangue branco e negro geraria descendentes caóticos e instáveis, que viveriam confusos por não se adequarem completamente a nenhum dos dois grupos (PILGRIM, 2015).

Em Hollywood, a *Troubled Mulatto* geralmente aparecia como uma personagem de moralidade questionável e sexualmente depravada, que geralmente se suicidava ou encontrava outro tipo de final trágico por não conseguir lidar com o fato de não ser branca. Logo, a imagem da *Troubled Mulatto* tem consequências semelhantes às da Jezebel para as mulheres negras, pois as coloca como problemáticas no imaginário popular branco a ponto de limitar suas oportunidades de vida e trabalho. Além disso, corroborava os julgamentos desfavoráveis sobre casais inter-raciais, já que esses indivíduos pareciam não estar pensando nos problemas que a criança enfrentaria ao crescer (PILGRIM, 2015).

Já a caricatura da *Sapphire* foi construída em uma tentativa de ridicularizar as mulheres negras que lutaram ativamente para derrubar as hierarquias raciais. Masculinizada, violenta e sempre presente em obras de comédia como alvo das risadas, ela seria grosseira com todos ao redor e reclamaria de tudo de forma desnecessária, ao mesmo tempo em que nada fazia para melhorar sua situação. O jeito bruto, acessos de raiva sem sentido e expressões grosseiras eram largamente utilizados para afastar as afro-americanas de determinados cargos, pois elas eram consideradas pouco carismáticas e antipáticas demais para exercerem funções de proeminência (PILGRIM, 2015).

Por fim, caricaturas como a *Welfare Queen* visavam ligar as mulheres negras a imagens negativas no que se refere à questão econômica (HOOKS, 2006). Essa personagem seria a afro-americana que supostamente se recusaria a trabalhar, se aproveitando dos benefícios sociais para poder continuar desfrutando de uma vida sem obrigações - se aproveitando do dinheiro público (HOOKS, 1995). Muito presente em propagandas políticas norte-americanas de oposição aos democratas, mas também vista no cinema, essa personagem seria problemática por afirmar que a pobreza endêmica que atinge os afro-americanos seria exclusivamente culpa desse grupo e de sua falta de vontade de trabalhar, ignorando no processo o histórico de segregação racial e miséria (ALEXANDER, 2020) e marginalizando as mulheres negras que dependem de auxílios governamentais para sobreviverem.

A partir dessas caricaturas, portanto, mulheres negras têm sido vinculadas à inferioridade intelectual e moral perante a opinião pública, reforçando a teoria de que seria inevitável limitar essas pessoas à segregação, aos papéis coadjuvantes e aos trabalhos servis

(GONZALEZ, 2020). Essas caricaturas, bem como os estereótipos que as compõem, se mostram prejudiciais não só por depreciarem constantemente as afro-americanas, mas também por limitarem seus modos de vida e oportunidades trabalhistas (THOMPSON-MILLER, 2011). Além disso, legitimam pensamentos e atitudes racistas por parte de uma sociedade que ignora qualquer outra forma de ver as mulheres negras.

A questão do trabalho

Por conta do engajamento da opinião pública branca nos movimentos negros por direitos civis no século XX, falar abertamente sobre segregar afro-americanos se tornou algo socialmente inaceitável. Para manterem as hierarquias raciais funcionando, portanto, os grupos brancos que as apoiavam precisaram burlar as decisões da Suprema Corte e encontrar uma nova forma de manter a segregação racial (DAVIS, 2005), em um contexto social que Michelle Alexander chama de *colorblindness* - no qual supostamente o racismo teria terminado e a lei e as oportunidades seriam iguais para todos (ALEXANDER, 2020, p.36). A partir disso, perpetua-se a ideia de que o racismo teria sido superado com o fim das *Jim Crow Laws* - então bastaria que os negros se esforçassem para prosperar - ao mesmo tempo que as instituições jurídicas seguem perseguindo e encarcerando mais pessoas negras e muito pouco é feito para resolver o abismo de oportunidades de desenvolvimento escolar e econômico entre brancos e negros (ALEXANDER, 2020).

O *colorblindness* norte-americano, portanto, se aproximaria do que Lélia Gonzalez chama de “mito⁶ da democracia racial brasileira” (GONZALEZ, 2020, p.69), pois se trata de tentativas de ocultar os impactos de um histórico racista na vida negra contemporânea. Além de dificultarem a ascensão social de pessoas não brancas, pois se prioriza uma lógica de falsa meritocracia e de que todos seriam iguais, os dois sistemas também dificultariam a organização social e o combate ao racismo, pois constantemente se afirma que ele não existiria mais, naturalizando-o a partir de sua presença sutil no cotidiano (GONZALEZ, 2020). Esse novo sistema, portanto, é perigoso exatamente por não parecer racista e se basear em leis e oportunidades racialmente neutras para se desenvolver, mas sem desenvolver projetos que garantam que as desigualdades oriundas de um passado de hierarquia racial sejam extintas (ALEXANDER, 2020).

No que se refere às mulheres negras inseridas nessa dinâmica, podemos dizer que o

⁶ Aqui, especificamente, com o sentido de falácia, enganação.

vínculo delas ao papel naturalmente servil é algo constante, independente de seus status sociais, o que as obriga a lutar para ocuparem espaços e trabalhos que seguem sendo vistos como exclusivos para brancos (GONZALEZ, 2020) - mesmo em um contexto de suposta neutralidade racial. Vale destacar que, apesar de muitas mulheres terem conseguido ingressar no mercado de trabalho formal, outras tantas ainda seguem restritas ao trabalho doméstico (FEDERICI, 2019), sendo a maioria delas mulheres negras. Isso se dá pelo fato da transição do trabalho escravizado para o livre não ter sido acompanhado por medidas voltadas ao ingresso dos libertos na nova lógica de vida (SAFFIOTI, 1978).

Inseridas em um sistema que busca mantê-las a todo o custo na lógica colonial de servidão negra, portanto, as mulheres negras perdem a possibilidade de autonomia social e financeira, pois estão restritas a trabalhos domésticos e mal remunerados (FEDERICI, 2019) - sem contarem com qualquer medida pública que vise auxiliá-las. Se a maioria das mulheres negras é restrita ao trabalho de empregadas domésticas, podemos dizer que se trata de um sistema voltado para silenciar essas mulheres e afastá-las da organização política, já que elas são colocadas nas margens da sociedade e obrigadas a gastarem toda a energia que possuem para sobreviver (SAFFIOTI, 1978).

O uso do entretenimento para a perpetuação do racismo

Para entendermos como Hollywood se tornou um veículo capaz de perpetuar a realidade trabalhista enfrentada pelas afro-americanas, devemos atentar para os interesses daqueles que dominam a indústria - mesmo que seu discurso seja modificado para se adequar ao *colorblindness*. Enriquecidos por um passado de exploração de trabalho escravizado negro, alguns indivíduos brancos puderam angariar e herdar os recursos necessários para desenvolver e expandir a indústria do entretenimento norte-americana, perpetuando nas obras divulgadas mensagens que exaltavam os ideais de superioridade branca e mantendo os afro-americanos à margem desse processo para que o *status quo* não fosse ameaçado (ERIGHA, 2019).

Por mais que haja uma resistência histórica a esse processo, a imagem dominante na mídia contemporânea não se afasta muito das caricaturas racistas que vimos anteriormente, elas apenas se tornaram mais discretas (HOOKS, 1992). O que vemos atualmente são imagens racistas que continuam sendo usadas como modelo para o desenvolvimento de obras de Hollywood (PILGRIM, 2015), mesmo que a indústria afirme que utiliza uma dinâmica racialmente neutra em suas produções. Não há como negar que os movimentos por direitos civis do século XX, e toda mobilização da opinião pública em prol da causa afro-americana, fizeram

com que a indústria cinematográfica se tornasse algo menos excludente, mas os afro-americanos seguem majoritariamente restritos a papéis de menor relevância ou a filmes de baixo orçamento (HOOKS, 1995).

Diferentemente das obras produzidas durante o *Jim Crow*, como o explicitamente racista *The Birth of a Nation*, as representações contemporâneas se tornaram mais discretas, com o intuito de satisfazer o desejo da opinião pública por obras mais inclusivas sem transmitir mensagens que desafiem abertamente a hierarquia racial. (PILGRIM, 2015). Ao se valerem das exceções negras (ALEXANDER, 2020) para se afirmarem como racialmente neutros, os estúdios de Hollywood atendem a demandas populares ao mesmo tempo que mantêm atrizes e diretoras negras adequadas a caricaturas racistas para conseguirem permanecer trabalhando na indústria - e como exemplo disso podemos citar a personagem Aibileen Clark, interpretada por Viola Davis no filme *Histórias Cruzadas*⁷.

Vale destacar que mesmo mulheres negras renomadas no ambiente do entretenimento podem ser excluídas de filmes de maior orçamento, com justificativa da questão financeira - amplamente estudada por Maryann Erigha. Alegando que o público não pagaria para ver produções estreladas ou dirigidas por pessoas negras, a indústria cinematográfica se utiliza do argumento de supostos prejuízos - mesmo que não haja dados que comprovem isso - para manter os atores e diretores brancos em destaque, sem que uma justificativa abertamente racista seja apresentada (ERIGHA, 2019, pp.58-59). Como a desculpa do público e do orçamento são uma constante para limitar as pessoas negras, as afro-americanas que trabalham em cinema passaram a contar cada vez mais com o engajamento do público para derrubarem essa argumentação e receberem o destaque que merecem (HOOKS, 1995).

Para ascenderem na indústria cinematográfica, portanto, atores e diretores afro-americanos precisam ser capazes de provar que seus filmes e personagens podem gerar interesse e identificação nos mais variados públicos, preocupação essa que a maioria dos brancos não precisa ter. Em meio a essa luta contra os detentores do poder financeiro, muitos afro-americanos precisam deixar de lado a questão da representatividade negra no início de suas carreiras - mesmo que sejam indivíduos engajados - pois só assim poderão ascender e conquistar autonomia. Muitos acabam cedendo porque acreditam que, quando se tornarem relevantes, poderão fazer menos concessões para os brancos, ter mais voz para lutar de forma ativa contra as representações racistas e tornarem Hollywood um lugar com maior equidade, mas vale

⁷ Em uma entrevista concedida ao The New York Times no ano de 2018, a atriz Viola Davis exalta seus companheiros de equipe, mas critica o filme *Histórias Cruzadas* pelo fato do ponto de vista de sua personagem no filme, a empregada Aibileen Clark, ser preterido em relação aos demais personagens brancos da trama.

destacar que mesmo os afro-americanos de maior prestígio dentro da indústria ainda assim precisam lutar para fazer obras com mensagens mais inclusivas (ERIGHA, 2019).

Falando especificamente dos problemas enfrentados por mulheres negras em relação ao trabalho na indústria do entretenimento, é possível notar que a grande maioria das afro-americanas de Hollywood ainda permanece restrita aos filmes de baixo orçamento, personagens coadjuvantes e imagens que as colocam como objetos sexuais para brancos (hooks, 1992). Limitadas às caricaturas antigas, ou às versões modernizadas delas, e a papéis pouco complexos, essas mulheres dificilmente têm a oportunidade⁸ de demonstrar todo o seu potencial artístico, além de se sentirem impotentes no que se refere a inspirar as espectadoras negras - já que elas apenas veem mulheres iguais a elas em posições de subjugação ou de pouca importância nas obras cinematográficas (HOOKS, 2006).

O problema da imagem da mulher negra como coadjuvante e predadora sexual ter se perpetuado no entretenimento contemporâneo é prejudicial não só por limitar a ascensão das atrizes e diretoras negras, ou decepcionar as espectadoras, mas também pela imagem criada na mente dos brancos. Por mais que a escravidão e o direito legal de possuir pessoas negras tenham sido extintos nos EUA, a sexualização e subalternização das mulheres negras no entretenimento faz com que o imaginário colonial se perpetue e naturalize no imaginário branco. Ou seja, as afro-americanas seguem sendo sexualizadas nas representações e no cotidiano, tendo suas sexualidades moldadas de acordo com os interesses brancos, o que abre supostos e perigosos precedentes para assédios sexuais (HOOKS, 1992).

Partindo de imagens utilizadas no passado para legitimar o estupro de mulheres negras por parte dos brancos, Hollywood parece ter entrado em uma lógica visual de representação dos corpos negros que dificulta imensamente a desvinculação desses corpos do estupro e da sexualização, e isso se reflete nos escassos papéis destinados a essas mulheres que fogem desse tipo de caricatura racista (HOOKS, 1996). Como se trata de um modelo pré-estabelecido, as afro-americanas que querem alcançar sucesso no meio do entretenimento precisam, muitas vezes, se submeter a interpretar apenas papéis que as sexualizam, o que limita a capacidade que essas mulheres têm de demonstrarem seus potenciais e, ainda, cria uma cultura que banaliza o assédio sexual por parte dos homens brancos dentro dos estúdios. Segundo Gloria Jean Watkins, a "*bell hooks*" (1992), muitas dessas mulheres carregam traumas dos abusos sexuais e das

⁸ Ao receber o Emmy de Melhor Atriz em séries de drama no ano de 2015, por seu papel em *How to Get Away With Murder*, Viola Davis questiona o entretenimento norte-americano ao criticar a falta de oportunidades para mulheres negras, o que as impediria de mostrar todo seu talento. Além disso, a atriz exalta todas as mulheres negras e demais membros da indústria que lutaram para que aquele meio de tornasse mais diverso.

múltiplas violências que sofreram, já que são obrigadas a reproduzir caricaturas racistas e raramente conseguem justiça pelos assédios que receberam.

Ou seja, a indústria cinematográfica trabalha para promover imagens e mensagens que reforcem o *status quo* racial norte-americano, dificultando que as mensagens alternativas - principalmente aquelas que divulgam a gravidade do racismo contemporâneo - cheguem à opinião pública. A situação, vale destacar, é ainda pior para as mulheres negras da área pelo fato delas sofrerem tanto com o racismo quanto com o machismo, o que faz com que poucas alcancem o estrelato como atrizes e diretoras de grandes produções. Aquelas que se recusam a seguir os padrões e estereótipos da indústria são limitadas a produções independentes, com baixos orçamentos e pouca divulgação (ERIGHA, 2019), aparentemente em uma tentativa de silenciar suas vozes e impedir que as novas perspectivas apresentadas por elas não cheguem à grande maioria do público (HOOKS, 1990).

Logo, por mais que os movimentos negros estejam conquistando importantes vitórias, a maioria dos afro-americanos seguem sendo representados no cinema em papéis que reforçam estereótipos racistas (GONZALEZ, 2020). Nesse contexto, cria-se uma opinião pública inclinada a defender ideais racistas - mesmo que de forma inconsciente - simplesmente por considerá-los naturais, o que talvez não ocorresse se tivéssemos obras que exaltassem a cultura, as particularidades e a estética negra e colocassem os afro-americanos como protagonistas e exemplos morais inspiradores (ERIGHA, 2019).

Ao tomarem o controle do entretenimento, portanto, os afro-americanos poderiam defender a subjetividade de seus semelhantes, fazendo com que obras que demonstrem as particularidades e vivências negras cheguem ao público e possam conscientizá-los a lutar por uma sociedade menos segregada (HOOKS, 1990). Naturalmente, o público não absorve as mensagens passadas pelo cinema de uma forma totalmente passiva, mas o constante bombardeamento de imagens específicas pode fazer com que uma pessoa repense em suas convicções e preconceitos (ERIGHA, 2019) - e é isso que as mulheres negras têm tentado promover ao lutarem para alcançar cada vez mais espaço de trabalho no meio do entretenimento.

O uso do trabalho como forma de autonomia

Por serem constantemente marginalizadas pelos brancos nos âmbitos sociais e profissionais, as mulheres negras passaram a se unir em prol da resistência (COLLINS, 2019). Segundo Patrícia Hill Collins, a autodeterminação e a união entre afro-americanas seriam de

vital importância para que elas possam lutar de forma mais eficiente para se libertarem das caricaturas e estereótipos historicamente construídos e disseminados pelos brancos, que silenciam suas vozes e ocultam suas particularidades perante a opinião pública (COLLINS, 2019, pp.279-280). Nas palavras da autora:

Quando nós, mulheres negras, nos definimos, claramente rejeitamos o pressuposto de que aqueles em posição que lhes garante autoridade para interpretar nossa realidade têm legitimidade para tanto. Mesmo sem levar em conta o conteúdo real das autodefinições das mulheres negras, o ato de insistir na autodefinição da mulher negra valida o poder das mulheres negras como sujeitos humanos. (COLLINS, 2019, p.282)

Conforme o movimento feminista negro avança, o debate e a conscientização a respeito da importância da autodeterminação da mulher negra na luta contra as imagens racistas se tornam cada vez mais frequentes (HOOKS, 1995). Por mais que se tente silenciar essas mulheres, Grada Kilomba nos mostra que mesmo aqueles que são segregados para as margens conseguem se expressar e lutar contra a opressão do sistema, mesmo que seja uma batalha árdua. Para a autora, os colonizados podem não estar no centro do discurso, mas eles lutam diariamente para ocupar os espaços dos quais são excluídos (KILOMBA, 2019, pp.48-49). Ao lutarem abertamente contra o racismo, mas também mudarem suas mentalidades de forma individual e coletiva, as mulheres negras estariam ativamente rompendo com o *status quo* e trazendo uma nova perspectiva a respeito delas - emancipada e protagonista (COLLINS, 2019).

Logo, a autodefinição é uma arma poderosa contra os estereótipos, caricaturas e imagens pejorativas que seguem sendo utilizadas no entretenimento contemporâneo (COLLINS, 2019), pois a partir dela, as mulheres negras podem se fazer presentes em locais de opressão para ressignificá-los (GONZALEZ, 2020). No que se refere às afro-americanas que trabalham no entretenimento, elas resistem aos padrões e limitações que lhes são impostos, ocupando espaços e lutando para trazer uma imagem mais inclusiva e positiva sobre elas ao grande público (PILGRIM, 2018). Mesmo se tratando de um processo individual, uma mulher negra emancipada pode integrar em redes de apoio e auxiliar outras na luta contra a hierarquia racial, combatendo imagens pejorativas a respeito de pessoas não brancas e lutando por maior autonomia e possibilidades de crescer pessoal e profissionalmente (COLLINS, 2019).

Consideradas incapazes de produzirem arte "de verdade" em meio a segregação racial, as pessoas negras responderam reforçando a importância da arte para a comunidade e seu viés político de contestação e empoderamento (HOOKS, 1990). Oriundas das margens de um sistema historicamente segregado e racista, todavia, as afro-americanas lutam cotidianamente para tomarem o protagonismo de suas narrativas e exercerem a autodeterminação (HOOKS,

1990). Ao ocuparem os espaços anteriormente destinados apenas para brancos e transformarem suas próprias vivências e perspectivas em arte, essas mulheres estariam rompendo com a lógica colonial do entretenimento, fornecendo novas perspectivas e imagens aos olhares dos espectadores – mais humanas e menos racistas – a respeito dos afro-americanos (HOOKS, 1990).

Cinema

No que se refere ao cinema, atrizes, diretoras e roteiristas negras seguem lutando para que suas obras cheguem aos grandes públicos, pois entendem que a arte seria uma útil ferramenta para exaltar as raízes negras e ressignificar a lógica vigente, que coloca o modelo branco como único a ser seguido (HOOKS, 1990). Analisando essa realidade, *bell hooks* nos mostra como muitas mulheres negras se tornaram extremamente capazes de analisar criticamente obras cinematográficas - principalmente no que se refere à identificação do racismo presente nelas - exatamente por terem suas vivências deixadas de lado e, ao mesmo tempo, serem alvos constantes de racismo e machismo na indústria do entretenimento (HOOKS, 1996, p.263).

Por não serem consideradas os públicos-alvo dessas produções, as afro-americanas não se sentem representadas pelos filmes das grandes indústrias, pois sabem que, mesmo que se vejam, enxergarão apenas uma versão estereotipada e feita a partir do imaginário branco. Ou seja, a mensagem passada é a de que não há espaço para esses corpos no cinema; quando lá estão, será sempre de uma forma pejorativa e caricaturada, reforçando imagens e estereótipos racistas (HOOKS, 1996). Só será possível romper com os padrões preconceituosos de representação, portanto, a partir do momento em que os identificamos e, ao mesmo tempo, passamos a exigir mudanças, ou seja, devemos questionar as estruturas coloniais nos meios políticos, econômicos e culturais da sociedade, para que alternativas mais inclusivas cheguem ao grande público (HOOKS, 2006).

Segundo Grada Kilomba, a estrutura colonial de hierarquias raciais teria tentado silenciar o discurso negro a partir da segregação espacial e cultural desses indivíduos, mantendo-os à parte (KILOMBA, 2019, p.61). Podemos perceber um processo semelhante no cinema, já que os afro-americanos historicamente foram mantidos afastados dos grandes públicos e das obras com maior orçamento e divulgação, pois os olhares e opiniões negras a respeito dos produtos culturais de Hollywood nunca foram levados em consideração (HOOKS, 1996). Vendo os filmes como um veículo extremamente eficiente no que se refere à transmissão

de mensagens, os afro-americanos resistiram a essa marginalização e lutaram para ocupar cada vez mais espaços em Hollywood - em uma tentativa de fazer com que o discurso da periferia chegasse para o grande público.

Limitados a papéis menores e a filmes de baixo orçamento, os afro-americanos passaram a pressionar Hollywood para obterem mais oportunidades. Que artifícios, no entanto, esses grupos têm utilizado para resistir às hierarquias raciais dentro do entretenimento? A valorização da independência criativa, o engajamento do público e o uso das excepcionalidades negras e da questão financeira contra o sistema (ERIGHA, 2019) se mostraram excelentes alternativas.

Como enfrentar o racismo dentro de Hollywood pode ser um processo desafiador e limitante, muitos afro-americanos recorreram ao cinema independente, para garantir que seus filmes com mensagens antirracistas pudessem ser produzidos e pressionar a grande indústria para que ela se torne mais inclusiva - já que uma adesão do público a essas produções poderia demonstrar como elas podem ser rentáveis. O trabalho dentro do cinema marginal, portanto, seria um bastião na luta contra a hegemonia de mensagens racistas no entretenimento, pois ele se propõe a expor novas alternativas de se fazer entretenimento e de enxergar a sociedade como um todo. A partir disso, cotidianos e realidades negros poderiam ser compartilhados com o público, permitindo que eles se identificassem com os personagens ou mudassem suas visões de mundo preconceituosas por meio da empatia (ERIGHA, 2019).

Dentre os afro-americanos que trabalham dentro da indústria cinematográfica, podemos perceber que muitos têm se utilizado da marginalidade que lhes é imposta - já que a grande maioria é limitada a determinados papéis ou gêneros cinematográficos menores - para ressignificá-la e demonstrarem como podem produzir obras rentáveis e queridas pelo público e em que mensagens de empoderamento e exaltação da cultura negra estarão presentes (ERIGHA, 2019). Enquanto isso, os poucos que conseguem estrelar ou dirigir grandes produções mesclam mensagens de empoderamento e exaltação negra com modelos já conhecidos pelo público, já que muitos parecem mais propensos a refletir sobre determinados assuntos se forem expostos a eles ao mesmo tempo em que presenciam imagens familiares (HOOKS, 1992).

No que se refere ao uso das excepcionalidades negras, quando diretores como Steve McQueen e Barry Jenkins, dirigiram longas metragens vencedores do Oscar de Melhor Filme e tornou-se quase impossível para Hollywood encontrar justificativas para manter afro-americanos limitados às produções de baixo orçamento, já que o argumento da falta de prestígio não podia mais ser defendido (ERIGHA, 2019). Ainda falando sobre a questão financeira,

atrizes como Viola Davis⁹ e autoras como *bell hooks* complementam essa argumentação ao afirmarem que o público precisa demonstrar como os filmes que rompem com os modelos tradicionais brancos podem gerar lucro, para garantir que os afro-americanos tenham cada vez mais espaço nos meios de entretenimento e obras com mensagens mais inclusivas sejam produções cada vez mais frequentes (HOOKS, 1995, pp.116-117).

No que se refere especificamente às mulheres negras, elas iniciaram um processo de denúncia e ressignificação da lógica racista e patriarcal da indústria cultural a partir da ocupação desses espaços - dos quais anteriormente foram marginalizadas. A partir disso, as afro-americanas puderam trazer novas formas de se pensar em suas culturas, realidades e corpos, de forma que suas particularidades e individualidades como sujeitos autônomos fossem respeitadas. Essas novas representações, construídas por mulheres negras, se mostram de extrema importância exatamente por levarem aos espectadores a oportunidade de refletir sobre a questão negra a partir de um novo ponto de vista - menos preconceituoso e mais empático (HOOKS, 1996).

As mulheres negras, portanto, têm combatido essas representações machistas e racistas de seus corpos, apresentando alternativas para elas, ressignificando caricaturas e demonstrando como o público não está mais satisfeito com elas (HOOKS, 1992). Um exemplo dessa ressignificação seriam os filmes que ousaram representar mulheres negras em posições de poder ou relacionamentos inter-raciais - como *The Bodyguard*, estrelado por Whitney Houston - pois eles se mostram como desafios diretos aos modelos coloniais de representação, e seus sucessos de bilheteria demonstram como o público está aberto para essa mudança (HOOKS, 2006).

Ter mulheres em posição de poder em Hollywood, então, faria uma enorme diferença nos tipos de representação negra que seriam desenvolvidas e amplamente divulgadas, pois passariam para o público uma mensagem voltada para demonstrar que as pessoas negras podem exercer qualquer função - não sendo naturalmente inferiores aos brancos ou destinadas a serem subjugadas pela cor de suas peles (HOOKS, 1996). Além disso, termos afro-americanas com prestígio em Hollywood se mostra de vital importância pelo fato de muitas delas terem a tendência de escolherem trabalhar com outras pessoas negras, pois preferem compartilhar essa responsabilidade com outros afro-americanos. Essa mudança poderia garantir maiores oportunidades de trabalho para pessoas anteriormente marginalizadas dentro do meio do

⁹ Ao ser entrevistada pela e-talk durante a premier de *The Woman King*, a atriz Viola Davis pediu para que todos que se importam com a representatividade negra fossem assistir ao filme, pois, segundo ela, Hollywood só estaria interessada no retorno que produções como aquela poderiam gerar. Para a atriz, se um filme protagonizado por pessoas negras não fosse um sucesso de bilheteria, ficaria cada vez mais difícil vermos produções assim, pois passaria a mensagem de que pessoas negras como protagonistas não gerariam lucro.

entretenimento e uma mudança gradual nas formas de representação tradicionais (ERIGHA, 2019).

Conclusão

A questão da representatividade negra abriga um simbolismo complexo, e o combate a uma tradição que visa se utilizar do entretenimento como forma de subjugar essas pessoas exige mais do que simplesmente colocá-las em cena. Não basta contratar afro-americanos para atuarem se seus papéis se restringem a reproduzir caricaturas e estereótipos racistas historicamente construídos, assim como não basta contratar diretores negros apenas para filmes com baixíssimos orçamentos e divulgações limitadas. É preciso romper com as limitações que os papéis de vilões, empregadas domésticas e alívios cômicos promovem, bem como fornecer oportunidades dignas para aqueles que demonstram potencial mesmo tendo muito pouco com o que trabalhar, pois somente dando protagonismo a esses indivíduos seria possível pensar em uma mudança nas mentalidades (ERIGHA, 2019).

Ao longo desse artigo, afirmo que quanto mais pessoas negras representadas de forma depreciativa, maior a propagação dos ideais de hierarquia racial no imaginário coletivo, ou seja, é preciso romper com essa lógica dentro do entretenimento para que ideais preconceituosos deixem de ser internalizados como naturais por parte dos espectadores (HOOKS, 1995). Em meio a esse contexto, os afro-americanos são segregados para as margens do entretenimento, para que suas vozes sejam silenciadas, mas nessas margens as experiências compartilhadas fazem com que ali se desenvolva uma nova perspectiva, e um local de opressão se torna lar da resistência (KILOMBA, 2019).

Em meio a luta aberta contra o sistema e por trás dos comportamentos supostamente adequados a essa lógica, portanto, as pessoas negras resistem aos padrões e se organizam para trazer novas perspectivas para o público enquanto buscam sobreviver à violência racista do cotidiano. Como nos mostra Patricia Hill Collins, em um meio extremamente opressor, que se utiliza de imagens constantes para limitar as mulheres negras, elas se unem nas margens do sistema e lutam por uma autodeterminação e pelo empoderamento, combatendo essa imagem pejorativa que a supremacia cria a seu respeito (COLLINS, 2019, pp.258-263). Vale destacar que, para as mulheres negras, se trata de uma luta tanto contra o racismo quanto contra o patriarcado, o que torna a criação de redes de apoio e modelos negros de coragem e sucesso algo essencial para sobreviver (HOOKS, 1992).

Conforme o racismo foi se adaptando às mudanças sociais, se tornou necessário adaptar também as formas de combatê-lo e denunciá-lo. No que se refere à questão da imagem, os filmes e demais representações negras se mostraram capazes de levar os espectadores a mudarem suas perspectivas a respeito de padrões coloniais historicamente construídos, o que torna essencial que afro-americanos estejam inseridos - de preferência em posições de poder - na indústria cultural (HOOKS, 1990).

Pode ser que nem todos reflitam sobre a problemática da hierarquia racial, e que muitos continuem defendendo a ausência de pessoas negras nas obras cinematográficas, exatamente por se tratar de um modelo historicamente construído para garantir a manutenção dos privilégios brancos, mas a adesão do público aos filmes com protagonistas negros¹⁰ e as manifestações de repúdio à segregação de pessoas negras nas principais premiações da indústria cultural contemporânea demonstram que o trabalho das mulheres afro-americanas em Hollywood está produzindo resultados e demonstrando ao público que as pessoas negras podem ser o que quiserem (HOOKS, 1996).

Referências

- ALEXANDER, Michelle. *The New Jim Crow: Mass Incarceration in the Age of Colorblindness*. Nova York: The New Press, 2020.
- COLLINS, Patrícia H. *Pensamento Feminista Negro: o poder da Autodefinição*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: Conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- DAVIS, Angela. *Abolition Democracy: Beyond Empire, Prisons and Torture*. New York: Seven Stories Press, 2005.
- _____; TADIAR, Neferti (orgs.). *Beyond the Frame: Woman of Color and Visual Representation*. New York: Palgrave MacMillan, 2005.
- ERIGHA, Maryann. *The Hollywood Jim Crow: the racial politics of the movie industry*. New York: New York University Press, 2019.
- FEDERICI, SILVIA. *Teorizando e politizando o trabalho doméstico*. In: *O Ponto Zero da Revolução*. Editora Elefante, 2019.
- GONZALEZ, Lelia: *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*. In: RIOS, F.; LIMA, M. (orgs.). *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HOOKS, bell. *Black Looks: Race and Representation*. Boston: South End Press, 1992.
- _____. *Killing Rage: Ending Racism*. New York: Henry Holt and Company, 1995.
- _____. *Outlaw Culture: Resisting Representations*. New York: Routledge Classics, 2006.
- _____. *Reel to Real: Race, Class and Sex at Movies*. New York: Routledge Classics, 1996.
- _____. *Yearning: Race, Gender and Cultural Politics*. Boston: South End Press, 1990.
- KILOMBA, Grada. *Quem Pode Falar? Falando no Centro, Descolonizando o Conhecimento*. In *Memórias da Plantação: Episódios de racismo Cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

¹⁰ O sucesso de bilheteria do filme *Pantera Negra* concedeu ao herói uma continuação com alto orçamento, mesmo com a morte de Chadwick Boseman, protagonista do primeiro longa.

PILGRIN, David. *Understanding Jim Crow: using racist memorabilia to teach tolerance and promote social justice*. Oakland: PM Press, 2015.

_____. *Watermelons, nooses and straight razors: stories from Jim Crow Museum*. Oakland: PM Press, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth. *Emprego doméstico e capitalismo*. Petrópolis: Vozes, 1978.

TELES, Lana Moura Sá; ADI, Ashjan Sadique. *Hiperssexualização das mulheres negras: aspectos socio-históricos e a influência da mídia*. São Paulo: Revista Galáxia, pp.155-166, 2008.

THOMPSON-MILLER, Ruth. *Jim Crow's Legacy: Segregation Stress Syndrome*. College Station (Texas): A&M University, 2011.

TISCHAUSER, Leslie Vincent. *Jim Crow Laws*. Califórnia: Greenwood, 2012.